

DOCUMENTO	
<b>Documentação</b>	
SOCIOAMBIENTAL	
Fonte	<i>Agência Estado</i>
Data	<i>31/12/2002</i> Pg
Class.	<i>PSAR0099</i>

## Criar o certo, já

**Data:** 31/12/2002  
**Autor:** Lúcio Flávio Pinto

*Marina Silva tem credenciais suficientes para tratar da Amazônia com a urgência e o conhecimento necessários*

**São Paulo** - Dois componentes da personalidade da nova ministra do meio ambiente a credenciaram ao respeito da opinião pública e ao destaque na equipe de linha de frente do governo de Luiz Inácio Lula da Silva: sua fibra e sua aplicação. No espaço de três décadas, desde o momento em que tardiamente se alfabetizou, já aos 16 anos, Maria Osmarina Silva de Lima - a atual Marina - construiu uma biografia que guarda certo paralelo com a do próprio Presidente da República.

É, em primeiro lugar, uma sobrevivente: três dos seus 10 irmãos, oito dos quais mais novos, foram abatidos pelas difíceis condições de vida de um seringal no distante, isolado e abandonado Estado do Acre, onde ela nasceu. A morte da mãe também a obrigou a assumir desde cedo sua responsabilidade na manutenção da família. Para se manter, trocou o trabalho incerto do seringal pelo emprego de doméstica na capital, em Rio Branco. Ainda não era o lugar que queria: foi então ser freira.


A companhia das religiosas não definiu sua vocação, mas foi o incentivo que faltava para deixar a condição de analfabeta. No Mobral, um programa criado pelo regime militar, do qual se tornaria uma crítica radical, ela aprenderia a ler e escrever. Passou rapidamente para o supletivo de primeiro e segundo grau e entrou para a Universidade Federal do Acre, na qual se formaria em História e para a qual logo voltaria, já como professora.

Começaria então sua vida pública. Foi uma das fundadoras do PT estadual. Nessa época, conheceu o seringueiro Chico Mendes, que dirigia o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri, uma decadente zona de produção de borracha. Assumiu a militância sindical, como dirigente da CUT (Central Única dos Trabalhadores). Em 1986, disputou uma vaga na Câmara Federal, enquanto Chico Mendes concorria à Assembléia Legislativa. Nenhum dos dois se elegeu.

Dois anos depois, porém, Marina conseguiu se tornar a mais votada vereadora da história de Rio Branco. Em 1990, se elegeu deputada estadual, quando o PT ainda tinha pouca expressão na política local. Em 1994, aos 38 anos de idade, ganhou destaque nacional como a senadora mais jovem da história da república. Em 2002, foi reeleita com uma das maiores votações proporcionais da história brasileira. Mas quando Lula venceu o 2º turno começaram de imediato as especulações. Não parecia haver ninguém com mais credenciais para o Ministério do Meio Ambiente do que a senadora acreana. Era a oportunidade de realizar utopias, que só conseguiam circular pela contra-mão do poder estabelecido até então.

Para a esmagadora maioria das Organizações Não-Governamentais com atuação na área ambiental, essa verdade permanece de pé. Vários outros grupos de pressão e de opinião, porém, têm preferido manter uma atitude de expectativa ou mesmo de ceticismo, mesmo quando não questionam as credenciais de Marina Silva para ocupar o cargo.

Ela não é o primeiro cidadão da Amazônia a ocupar o MMA, nem mesmo o primeiro acreano nativo a ser convocado para um ministério no executivo federal. O ex-senador paraense Fernando Coutinho Jorge, por indicação do ex-senador e também ex-ministro Jader Barbalho, do PMDB, foi o primeiro amazônico do atual Ministério do Meio Ambiente, ainda na fase em que o órgão era especificamente o Ministério da Amazônia, no governo Itamar Franco.

INSTITUTO	
	
SOCIOAMBIENTAL	
Fonte	_____
Data	_____ Pg. <u>2</u>
Class.	<u>99</u>

Por outro lado, quatro acreanos já ocuparam ministérios na república brasileira. Marina Silva, entretanto, é a primeira dos acreanos a chegar a esse posto sem ter emigrado de um lugar que não oferecia horizontes para suas melhores inteligências. Seus três antecessores (Jarbas Passarinho, Saíd Farah e Adib Jatene) fizeram suas carreiras fora do Acre. Quando foram para a mais alta administração federal já não possuíam vínculos com o Estado, nem com a região. Passarinho ainda era o único ainda com base regional, mas criada no Pará (um dos seus erros políticos, aliás, foi espaçar demasiadamente suas visitas ao Estado, seu reduto eleitoral, enraizando-se em Brasília).

Marina, que nasceu no Seringal Bagaço, no município da capital estadual, é a primeira acreana a ocupar o posto de ministro por sua luta política dedicada ao Acre. Assim, sua legitimidade não advém apenas de uma circunstância de nascimento, mas de uma verdadeira opção de vida, de um ato de vontade: empenhar-se para que na sua região de origem e de escolha prevaleça uma política pública coerente com as condições geográficas da área e as aspirações dos seus habitantes. A nova titular do MMA se qualificou por suas raízes de vida, pelo conhecimento adquirido (na formalidade das escolas e na informalidade de sua atividade pública) e pela dedicação a uma causa.


São credenciais que impõem respeito, mas ainda não qualificam inteiramente a ministra para os desafios que a aguardam. Por isso mesmo, alimentam a cautela dos que, por a acompanharem mais à distância, não sendo, por isso, beneficiários da boa impressão que ela causa, aos que lhe estão próximos, podem, entretanto, avaliá-la talvez com maior rigor crítico, sem os complicadores (ou perturbadores) da empatia pessoal.

Provavelmente o acelerado crescimento da política acreana deve-se ao brusco salto que ela deu, de um acanhado assento na Assembléia Legislativa, em Rio Branco, para uma ampla poltrona do Congresso Nacional, em Brasília, e para gabinetes técnicos e políticos internacionais, principalmente nos Estados Unidos. Ela passou a ser interlocutora freqüente de ONGs de amplitude mundial e de agências multilaterais, como o Banco Mundial e a ONU, ou mesmo de outros governos, como a Usaid, a agência de cooperação internacional dos Estados Unidos, de passado atribulado, que tem tido participação destacada no Acre.

Embora alguns grupos nacionalistas ou mesmo chauvinistas torçam o nariz para esse elemento do currículo da ministra, ele representa um dado positivo. Significa que a ex-seringueira sabe, agora mais do que seu extinto guru, Chico Mendes, qual é a exata amplitude mundial da Amazônia. Mas talvez nessa empreitada de abertura de horizontes ela tenha deixado de incluir na sua visão um componente mais vivo da própria Amazônia. Para vários auditórios qualificados regionais, Marina Silva é uma referência distante. Mais ainda do que isso: em relação a diversas faces do caleidoscópio amazônico não há uma manifestação da ministra que traduza um conhecimento de causa a respeito. Para uma região tão ampla e complexa, o saber de Marina pode estar perigosamente especializado em Acre. Ou estar enviesado, como se diz, pelo tipo de interlocução internacional que tem tido.

Para infortúnio seu, o Acre vive sendo confrontado com sua territorialidade. Limitado no seu estoque de recursos naturais e condicionado pela sua localização, o Estado não tem conseguido um lugar favorecido no mercado nacional nem abriu um nicho próprio para o lado do Pacífico. Mas sua viabilidade está em algum ponto dessa bifurcação: ou a conquista de competitividade na federação brasileira ou a abertura de um novo canal internacional. Esquemas intermediários podem ser importantes, mas não são decisivos.

Não deve ter sido por outro motivo que um dos últimos atos de Fernando Henrique Cardoso como presidente tenha sido uma longa esticada ao Acre para dividir com o governador petista (reeleito) Jorge Viana, aliado de Marina, as honras de pavimentar um pouco mais a estrada para o Pacífico. Antes de chegar ao poder, o PT local abominava esse corredor de exportação - e, junto com ele, as ONGs ambientalistas. O desafio, agora, é tornar seu lado positivo maior do que sua banda

DOCUMENTO	
	
SOCIOAMBIENTAL	
Fonte	_____
Data	_____ Pg 3
Class.	99

negativa.

O Acre é pequeno e específico demais, e suas saídas precárias demais, para ser um modelo aplicável a toda a Amazônia. O valor da nova ministra do meio ambiente deve ser relativizado por esse seu universo de experiência. Além do mais, ainda que a Amazônia seja item essencial na agenda do seu ministério, os temas que vão exigir a atenção da Marina possuem uma transcendência notavelmente maior do que a região, que ocupa 60% do território nacional, numa fronteira de biodiversidade natural que abriga pouco mais de 10% da população brasileira, hoje fortemente concentrada em cidades que se consolidam sobre a agressão ao ambiente em torno delas. Um dos terrenos pioneiros para a ministra será justamente o urbano, para o qual será pressionada a se interessar com atenção cada vez maior - e impaciência crescente.

Na seara restritamente amazônica (aplicando-se esse "restritamente" a parâmetros amazônicos, sempre monumentais), Marina logo perceberá que não estará entre as ameaças à sua gestão aquela unanimidade burra celebrizada por Nelson Rodrigues. Ela não é unanimidade. Sua ambivalência acreano-internacional oferecerá flancos para críticas e mesmo ataques, que provavelmente começarão a ser desferidos antes mesmo que possa pretender apresentar qualquer resultado. Na comissão de frente deverão estar os que, sabendo pouco sobre ela e sua região, do pouco que sabem desconfiam.

Muitos falam sobre Amazônia seguindo exatamente esse perigoso método de ensaio-e-erro: por desconfiança, suspeita, estereótipo. Como Marina Silva se enquadra em alguns itens da tábua das leis desses amazonólogos metropolitanos, vai ter que se explicar desde logo. E desde logo terá que desfazer equívocos ou, quando pela ótica positiva, demonstrar conhecimentos. Sinal de que não terá muito tempo para salamaleques: precisará arregaçar as mangas e trabalhar de pronto.

Em se tratando de Amazônia, independentemente do resultado a ser apurado, é um bom começo. Se há uma palavra que a região precisa ouvir é essa: urgência. A urgência de fazer o certo. De ver ser feito o torto, a Amazônia já está cheia, cansada, maltratada.

**Lúcio Flávio Pinto** é jornalista.

**Copyright © 2001 Amigos da Terra - Amazônia Brasileira. - Todos os direitos reservados.**